

## Manifestações Carismáticas no Millerismo Adventista

---

João Vitor Ribeiro Pinto<sup>1</sup>  
Melque Ramos da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo examina as manifestações carismáticas dentro do Movimento Millerita e sua influência subsequente no adventismo. A partir da perspectiva de dois modelos teológicos — o cessacionismo e o continuísmo — o estudo analisa a atuação do Espírito Santo na história do adventismo, começando com o Millerismo do século XIX até a Igreja Adventista do Sétimo Dia contemporânea. O Millerismo, especialmente em seu contexto escatológico, gerou intensas manifestações sobrenaturais como visões, quedas, curas, sonhos e línguas. Estas experiências foram interpretadas como evidências tangíveis da presença divina, refletindo a interação entre fé e a atuação do Espírito em um período de escassez de recursos médicos e científicos.

**Palavras-chave:** Millerismo; Espírito Santo; Adventismo; Manifestações; Ellen White.

**Abstract:** This article examines the charismatic manifestations within the Millerite Movement and their subsequent influence on Adventism. From the perspective of two theological models — cessationism and continuationism — the study analyzes the role of the Holy Spirit in the history of Adventism, starting with 19th-century Millerism and extending to the contemporary Seventh-day Adventist Church. Millerism, particularly in its eschatological context, gave rise to intense supernatural manifestations such as visions, falling, healings, dreams, and tongues. These experiences were interpreted as tangible evidence of the divine presence, reflecting the interplay between faith and the Spirit's work during a time of limited medical and scientific resources.

**Keywords:** Millerism; Holy Spirit; Adventism; Manifestations; Ellen White.

.....  
<sup>1</sup> João Vitor Ribeiro Pinto. Graduando em Teologia. Centro Universitário Adventista de São Paulo. Bacharel em Ciência Política. Email: [joao.rpinto@unasp.edu.br](mailto:joao.rpinto@unasp.edu.br).

<sup>2</sup> Melque Ramos da Silva. Graduando em Teologia. Centro Universitário Adventista de São Paulo. Email: [melque.silva@unasp.edu.br](mailto:melque.silva@unasp.edu.br).

## 1. Introdução

Desde os primórdios da Igreja como relatado em Atos, a atuação do Espírito Santo para sua edificação tem sido um tema fonte de importantes debates. Tratando sobre esse tópico, [Randy Clark \(2015\)](#) define duas posições acerca da atuação do Espírito: o cessacionismo e o continuísmo ou continuacionismo. Enquanto a primeira corrente acredita que o movimento do Espírito Santo, especialmente no concernente aos dons espirituais, cessou no contexto bíblico, a outra entende que os dons e o poder do Espírito Santo continuam atuando na Igreja desde o Pentecostes e são relevantes ao cristianismo atualmente. Nesse sentido, serão abordadas as manifestações do Espírito Santo durante o Movimento Millerita, e como o entendimento sobre esse tópico vem sendo veiculado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia no século XXI. Para esse fim, foi feita uma análise histórica e documental, por meio de uma pesquisa bibliográfica e teológica.

O Millerismo do século XIX, movimento que deu origem ao adventismo, foi marcado não apenas por seu fervor escatológico, mas por intensas experiências carismáticas, as quais contribuíram para a uma construção identitária e, conseqüentemente, formação de práticas religiosas para os adeptos. O estudo aprofundado das Escrituras, especialmente das profecias escatológicas, levou a uma expectativa acentuada quanto ao retorno iminente de Jesus; uma mensagem que rapidamente se espalhou, sobretudo nos Estados Unidos. Essa ênfase escatológica gerou um movimento que se destacou também pela interação direta com o divino, em que experiências sobrenaturais como visões, curas milagrosas e línguas desconhecidas ao emissor foram, em vários momentos, interpretadas como sinais e confirmações da fé. Em uma época em que a medicina era limitada e a ciência estava apenas emergindo, a busca por cura e orientação espiritual por meio da fé oferecia esperança e sentido diante das dúvidas e necessidades apresentadas naquele contexto.

Como mencionado, o Millerismo trouxe consigo uma forte influência revivalista, característica das pregações de William Miller na década de 1830. Segundo James M. Wilson:

Sua mensagem de que Cristo viria por volta do ano de 1843 foi vista como um método pessoal de promover conversões, dentro da tradição revivalista. Os pastores que o convidavam estavam interessados em reavivar suas igrejas e em converter novos membros. O sabor revivalista continuou ao longo da história do movimento, com uma ênfase correspondente na presença sentida do Espírito Santo, tanto na conversão quanto nas reuniões públicas. ([WILSON, 1995, p. 23, tradução nossa](#)).

Esse contexto fervoroso preparou o cenário para uma variedade de manifestações carismáticas, percebidas como uma interação tangível com o sobrenatural.

Neste sentido, revisitaremos relatos da época, com o objetivo de entender como essas consequências eram interpretadas pelos próprios milleritas, e como eles moldaram as comunidades religiosas do período. Essa análise nos permite observar a relação entre fé e experiências carismáticas com um olhar questionador, permitindo não apenas compreender o passado, mas também oferecer subsídio para insights sobre a espiritualidade e as buscas por transcendência que continuam a fazer parte da experiência humana até hoje.

## 2. Quedas

As quedas sob o poder de Deus foram uma característica marcante das manifestações carismáticas durante o Millerismo e primeiros anos do Adventismo Sabatista. Esse fenômeno de perda de força era frequentemente interpretado como uma evidência tangível da presença divina. Quando alguém era acometido por uma fraqueza súbita, a sensação era de que o próprio Deus agia diretamente na vida da pessoa, levando-a a um estado de rendição total. Um exemplo clássico são as primeiras visões de Ellen White, que, segundo [Wilson \(1995\)](#), geralmente tinham início com uma fraqueza extrema e uma queda subsequente. Esse processo continuava ao longo da visão, até que lhe eram recobradas as energias e o vigor para voltar ao seu estado natural; sendo que, muitas vezes se manifestava nela uma força sobre-humana, como também episódios de visões enquanto permanecia sem respirar. Por outro lado, nem todos aceitaram essas manifestações facilmente. Em 1843 ([WHITE, 1974](#)), Ellen White se deparou com o ceticismo em uma família que via suas quedas como emocionalismo. Durante as reuniões de oração, Ellen frequentemente se sentia enfraquecida pelo Espírito Santo. Ela decidiu evitar esses encontros, embora se sentisse chamada por Deus a participar. Depois de um período de resistência ela decidiu não ignorar o impulso divino de estar presente nesses cultos. Em uma dessas reuniões, um membro da família, cético até então, foi surpreendentemente derrubado pelo poder divino, e isso o levou a considerar a presença de Deus no encontro. Posteriormente, outro homem passou por uma experiência semelhante, o que levou até os

mais resistentes a reconhecerem a autenticidade das manifestações espirituais vivenciadas por Ellen ([WHITE, 1999](#)).

Como o relato anterior exemplifica, além de Ellen G. White, outros experimentaram quedas sob o poder do Espírito. Um relato significativo é o da irmã Durben, que também caiu prostrada durante uma reunião ao lado de Ellen G. White. Em suas observações, Ellen afirmou que essas manifestações, incluindo a perda de força, provinham diretamente do poder de Deus, demonstrando um pouco da visão sobre esses casos dentro do contexto espiritual do período millerita ([WHITE, 1847](#)).

Outro exemplo relevante é encontrado em uma carta, na qual Ellen White descreve uma manifestação expressiva que ocorreu também durante uma reunião de oração na casa do irmão Ralph. Sobre isso ela relata:

No domingo passado estávamos em casa do irmão Ralph e orávamos para que o Senhor nos instruisse de modo especial sobre se deveríamos mudar-nos para Nova Iorque ou permaneceríamos em Connecticut. O Espírito veio, e tivemos uma poderosa manifestação. O irmão e a irmã Ralph ficaram ambos prostrados e permaneceram dominados por algum tempo ([WHITE, 1849](#)).

Esse evento revela que as quedas não se limitavam a uma pessoa, mas frequentemente incluíam múltiplos participantes de uma mesma reunião, proporcionando uma experiência espiritual coletiva.

Essas quedas também aconteciam durante orações por cura. Há um relato de Ellen White, que ocorreu enquanto ela estava gravemente doente, a ponto de vizinhos acharem que seriam seus últimos momentos de vida. De acordo com ela, o irmão Henry Nichols, após orar por sua cura, parecia estar experimentando também algum grau de fraqueza por causa do poder de Deus, tendo dificuldades para se levantar e se locomover. Apesar disso, conseguiu se aproximar de Ellen White e, lhe impondo as mãos sobre a cabeça, declarou que Cristo a estava curando. Nesse momento, Ellen foi curada instantaneamente, e Nichols caiu ao chão, vencido pela força do Espírito. Aqui há um relato de conexão entre a prostração e a cura divina, mais uma vez observada como uma genuína atuação do Espírito Santo ([WHITE, 1860, p. 84](#)).

Essas quedas pelo poder de Deus não são um fenômeno isolado. Elas também foram experimentadas em diversos relatos bíblicos, como no caso de Ezequiel (Ez 1:28; 3:23-24), Daniel (Dn 8:17-18; 10:7-12, 19), Paulo (At 9: 4) e João (Ap 1:17), além de

outros personagens (1Sm 19:23-24; Mt 28:2-4; Jo 18:6). Esses relatos mostram que experiências espirituais profundas, as quais desafiam a lógica humana, já estão presentes na história há muito mais tempo, continuando a ressoar no contexto millerita das décadas de 1830 a 1880 ([BÍBLIA SAGRADA: versão Almeida Revista e Atualizada, 2011](#)).

### 3. Curas

As experiências de cura entre os milleritas e os primeiros adventistas sabatistas são uma manifestação notável da fé e da confiança que depositaram em Deus como sua fonte de vigor e restauração física. Este movimento espiritual ocorreu numa época em que a medicina era rudimentar e, muitas vezes, a intervenção médica causava mais danos do que benefícios.

Em 1850, a situação do pai de J. N. Andrews, que sofria de uma grave enfermidade, tornou-se uma oportunidade para a manifestação do poder de Deus. O pai de Andrews, já idoso, estava debilitado por uma inflamação que lhe causava dores intensas e o deixava incapaz de se mover sem sofrimento. Foi nesse cenário que, com oração, Ellen White colocou as mãos sobre a cabeça do pai de Andrews e declarou: "Pai Andrews, o Senhor Jesus te restaura por completo". Instantaneamente, o homem foi curado. Ele se levantou e começou a andar pela sala, louvando a Deus e exclamando: "Nunca vi algo assim. Os anjos de Deus estão nesta sala". A presença divina foi tangivelmente sentida naquele ambiente, e a glória de Deus iluminou a casa. Ellen White também descreveu que, naquele momento, uma luz parecia brilhar por toda a casa, e uma mão angelical repousou sobre sua própria cabeça. Este evento não apenas resultou em uma cura imediata, mas também marcou o momento em que Ellen White experimentou uma abertura espiritual que lhe permitiu, desde então, compreender profundamente as Escrituras. Ela relatou: "Desde aquele momento, fui capacitada a compreender a Palavra de Deus" ([WHITE, Manuscrito, 1903, tradução nossa](#)).

Ainda em 1851, outros milagres aconteceram que solidificaram ainda mais a fé da comunidade. Frances Howland, que sofria de febre reumática, foi curada em uma reunião de oração após fervorosa intercessão. O relato de [Ellen White \(2007\)](#) diz o seguinte:

Na primavera de 1845, fiz uma visita a Topsham, Maine. Certa ocasião vários de nós nos reunimos em casa do irmão Stockbridge Howland. Sua filha mais velha, a Srta. Frances Howland, muitíssimo minha amiga, estava atacada de febre reumática, e sob cuidados médicos. Suas mãos estavam tão terrivelmente inchadas que não se podiam distinguir as juntas. Quando, sentados, falamos de seu caso, o irmão Howland foi interrogado se tinha fé que sua filha poderia ser curada em resposta à oração. Respondeu que procuraria crer que sim, e imediatamente declarou que cria ser possível. Ajoelhamo-nos todos em oração fervorosa a Deus em favor dela. Invocamos a promessa: “Pedi, e recebereis.” João 16:24. A bênção de Deus acompanhou as nossas orações, e tivemos a certeza de que Deus desejava curar a enferma. Um dos irmãos presentes exclamou: “Há aqui uma irmã que tenha fé para tomá-la pela mão e mandar que, em nome do Senhor, se levante?” A irmã Frances estava deitada no quarto de cima, e antes que ele acabasse de falar, a irmã Curtis já se dirigia à escada. Entrou no quarto da enferma, com o Espírito de Deus sobre si, e tomando a doente pela mão, disse: “Irmã Frances, em nome do Senhor, levante-se e sare.” Nova vida atravessou as veias da jovem enferma, fé santa se apoderou dela e, obedecendo-lhe aos impulsos, levantou-se do leito, ficou em pé, e andou pelo quarto, louvando a Deus pelo seu restabelecimento. Vestiu-se logo, e, com o rosto iluminado de indizível alegria e gratidão, desceu à sala em que estávamos reunidos ([WHITE, 2007, p. 70-71](#)).

Esse evento foi visto como uma confirmação do poder divino e desenvolveu uma série de outras curas e manifestações que fortaleceram a fé daqueles que estavam presentes, especialmente nos casos em que a oração intensa e a confiança na intervenção divina foram demonstradas. Ainda em 1851, um outro caso significativo, citado por [Ellen White \(Carta 8, 1851\)](#), ocorreu quando ela e outros irmãos oraram por Meade, que estava sofrendo de uma febre persistente. Após ungi-la com óleo e orar fervorosamente, a cura foi imediata, e a irmã caiu por terra, vencida pelo poder de Deus. Esse milagre foi presenciado por todos os que estavam presentes. Logo depois, Ellen foi chamada para orar por uma criança gravemente doente, e, após a unção e oração, a cura também se manifestou instantaneamente, um claro sinal da intervenção divina em resposta à fé.

Em uma experiência que se destacou por sua intensidade, o irmão Baker, que sofria de uma doença cardíaca debilitante, foi curado após uma noite de oração e fervoroso clamor a Deus. Ellen White ([Ibid.](#)) relatou que, após as orações, Baker foi restaurado à saúde de maneira visível e imediata, louvando a Deus com grande entusiasmo e sendo batizado com o Espírito Santo ali mesmo. James White ([Letter to Brethren in Christ, 1851](#)) também descreveu o evento, dizendo que Baker gritou de alegria, chorou e louvou a Deus, mostrando que o milagre não foi apenas físico, mas também espiritual, marcando uma experiência transformadora de renovação e fervor.

Um dos relatos mais comoventes ocorreu com Leander Kellogg e sua esposa em 1851. Após uma década de enfermidade e gastos substanciais com médicos, sem sucesso

de cura, Kellogg e sua esposa sentiram que sua única esperança estava na oração. Ao viajar para Jackson, Michigan, onde havia um grupo de sabatistas, Kellogg relatou com alegria que, após serem recebidos por esses crentes e orarem com fé, sua esposa foi miraculosamente curada. "Em maio, fomos a Jackson, confiantes nas promessas de Deus, e ela foi curada. O Senhor ouviu as orações de Seus filhos fiéis", escreveu Kellogg em sua carta à *Review and Herald* ([KELLOGG, 1851, tradução nossa](#)).

Anna White, em 1853, também compartilhou sua experiência de convivência com os adventistas sabatistas, destacando a fé que prevalecia na comunidade em relação à cura divina. Ela escreveu, em uma carta aos Tenney, que estava vivendo com um povo que acreditava firmemente que "Deus é capaz e está disposto a curar os enfermos agora [...] quando estão doentes, não recorrem a outra fonte para ajuda" ([NUMBERS, 1976, p. 33](#)). Essa declaração reflete a confiança extrema que os sabatistas adventistas depositavam nas promessas de cura de Deus, que eram vistas não como algo distante, mas como uma realidade tangível na vida cotidiana.

Esses relatos não apenas destacam as curas milagrosas, mas também refletem o impacto espiritual e a transformação que acompanhavam tais experiências. Para os sabatistas adventistas, esses milagres eram sinais de que Deus estava presente e ativo em suas vidas, sempre pronto para responder às orações de fé. Mesmo diante de ceticismo como o de William Miller, que era reticente quanto a milagres em sua época e considerava tais fenômenos mais presentes na esfera anticristã; ou de diversas outras denominações da época que adotavam uma posição cessacionista, eles criam no poder de Deus manifestado por meio da cura milagrosa por meio da oração. Essas experiências fortaleceram a fé da comunidade, continuando a servir como testemunhos poderosos do poder de Deus nas gerações subsequentes ([WILSON, 1995](#)).

#### 4. Sonhos e Visões

[James Wilson \(1995\)](#), ao descrever a visão millerita de visões, sonhos e impressões, observa que:

Vários milleritas afirmavam ter visões originárias de Deus [...] as impressões não foram consideradas suficientemente confiáveis para serem consideradas implicitamente confiáveis. Entretanto, elas poderiam ser uma indicação da vontade de Deus, geralmente em conjunto com outras evidências. As impressões não tomavam o lugar da Bíblia ou da vontade

geral e revelada de Deus. [...] Acreditava-se que os sonhos eram usados, às vezes, por Deus para convencer um incrédulo ou para guiar um crente ([WILSON, 1995, p. 37, tradução nossa](#)).

No fervilhante cenário religioso dos Estados Unidos dos anos 1840, os sonhos e visões eram vivências intensamente presentes. Entre os adventistas milleritas, essa dimensão sobrenatural se tornou ainda mais evidente: conforme o historiador George R. Knight, somente na Nova Inglaterra havia em torno de 50 profetas e cerca de 200 videntes proféticos em plena atividade. Dentre esses, dois ganharam especial destaque, inclusive com o reconhecimento de sua atividade profética por Ellen White, foram eles William E. Foy e Hazen L. Foss ([CAMPBELL, 2017](#)). Muitas dessas manifestações influenciaram demasiadamente os primeiros adventistas após o Grande Desapontamento de 1844, consolidando-se como uma característica central na formação de sua identidade e missão profética.

No contexto de crise e desilusão causada pelo não cumprimento da profecia de 22 de outubro de 1844, os sonhos e visões emergiram como fontes de consolo e reafirmação espiritual. Entre 1845 e 1850, essas manifestações passaram a se concentrar especialmente em Ellen G. White, cujas experiências visionárias moldaram a crença e estrutura organizacional do movimento adventista. As visões de Ellen White foram frequentemente acompanhadas por manifestações físicas extraordinárias, testemunhadas por muitas pessoas. M. G. Kellogg, médico e contemporâneo de Ellen White, relatou:

Durante a visão [...] todos os presentes pareciam sentir o poder e a presença de Deus. [...] Estava presente um médico, que a examinou de acordo com a sua sabedoria e conhecimento, para descobrir a causa da manifestação. Uma vela acesa foi colocada perto dos seus olhos, que estavam bem abertos; nem um músculo do olho se movia. Examinou-a em seguida quanto ao pulso e fôlego, e não havia respiração. O resultado foi que ele ficou convencido de que o fato não podia ser explicado por princípios naturais ou científicos ([WHITE, 1969, p. 22-23, tradução nossa](#)).

Essas manifestações físicas, descritas também por outros como Arthur White, desafiaram explicações naturais e foram interpretadas pelos adventistas como evidências do poder divino. A experiência de entrar na visão era frequentemente acompanhada por gritos de "Glória!" em tons que, segundas testemunhas, transmitiam uma sensação sobrenatural de reverência ([Ibid.](#)).

Em sua primeira visão em 1844, conhecida como “A Visão do Caminho Estreito”, enquanto estava em Battle Creek, Ellen foi envolvida por um poder divino como nunca



antes experimentara. Ela descreveu estar cercada por luz e sendo elevada acima da Terra. Durante essa experiência, viu um caminho estreito onde Jesus guiava Seu povo, motivando-os com Seu braço direito, do qual emanava uma luz brilhante sobre os peregrinos. Contudo, alguns desistiam no percurso, achando o caminho longo e árduo. Esse relato foi amplamente compartilhado e interpretado como um sinal de que os adventistas deveriam manter sua fé na mensagem millerita e buscar um entendimento mais completo da profecia bíblica ([WHITE, 2007](#)).

Além das visões, os sonhos também desempenharam um papel importante. [Rhodes \(1850, p. 84, tradução nossa\)](#) escreveu a Tiago White em 1850 sobre um sonho que antecipava sua chegada à casa de um irmão em resposta a orações fervorosas: “O bom Senhor enviou Seu anjo, em resposta à oração, e avisou um dos membros da família, em um sonho, sobre minha vinda”.

Esses episódios foram considerados manifestações da orientação divina, não para substituir o estudo bíblico, mas para corrigir interpretações equivocadas apontadas como verdade. [Ellen White \(1888\)](#) reafirmou isso, escrevendo que Deus deseja que encontremos as respostas que precisamos na Bíblia.

A prática dos sonhos e visões não serviu apenas como consolo espiritual em momentos de crise, mas também foi fundamental para a formação doutrinária e consolidação da identidade adventista sabatista. Essas manifestações encorajaram a missão profética do movimento e a crença de que Deus continuava a guiar seu povo. Como observa Loughborough, “o Senhor falou ao Seu povo por meio dos dons do Seu Espírito” ([LOUGHBOROUGH, 2014, p. 113](#)). Essa perspectiva de orientação divina por meio dos sonhos e visões foi integrada à identidade adventista, estabelecendo uma compreensão de que o movimento possuía um propósito específico no cenário profético e uma relação contínua com a revelação divina.

## 5. Glossolalia

As manifestações de glossolalia, ou dom de línguas, no adventismo millerita trazem consigo uma mistura de fervor espiritual, debates teológicos e um testemunho da poderosa presença de Deus. Relatos históricos revelam que essas experiências, embora relativamente raras, marcaram momentos importantes na trajetória do movimento.

Os primeiros registros de glossolalia entre os pioneiros adventistas surgem em depoimentos conhecidos por crentes de integridade inquestionável; homens e mulheres reconhecidos por sua respeitabilidade e zelo cristão. Esses relatos são evidências preciosas do fervor espiritual da época e indicam que o dom de línguas era, em alguns momentos, compreendido como uma expressão sobrenatural da presença divina ([WHITE, 1974](#)).

Entre essas experiências, destaca-se uma reunião geral realizada em North Paris, Maine, por volta de 1847 ou 1848, que foi descrita como uma ocasião marcada pela manifestação especial do Espírito de Deus. Nessa ocasião, o irmão Ralph foi tomado por um poder celestial e começou a falar numa língua desconhecida. A mensagem, posteriormente interpretada pelo irmão E. L. H. Chamberlain, era destinada a J. N. Andrews, convocando-o para preparar-se para o ministério evangélico. Essa experiência foi confirmada por várias testemunhas, que enfatizaram o ambiente solene e glorioso daquela reunião, marcado por uma intensa percepção da presença manifesta de Deus ([Ibid.](#)).

Outro marco significativo ocorreu em 1849, envolvendo Hiram Edson e o esforço missionário para trazer S. W. Rhodes de volta à comunhão com os irmãos. Durante uma reunião em Centerport, Nova York, o Espírito Santo foi derramado de forma tão poderosa que, segundo Edson ([Present Truth, 1849, p. 36, tradução nossa](#)), “o ambiente era tremendo, porém glorioso”. Nesse contexto, o irmão Ralph, mais uma vez, foi tomado pelo dom de línguas, e a mensagem interpretada confirmou que ele deveria acompanhar Edson na busca por Rhodes.

Esse evento culminou em uma jornada guiada por visões e manifestações sobrenaturais. Ellen White, inicialmente cética, foi convencida por uma visão clara de Deus, que endossava a missão. O sucesso desse esforço não apenas trouxe Rhodes de volta ao rebanho, mas também o transformou em um poderoso obreiro na causa de Deus; uma vitória celebrada como prova do mover sobrenatural do Espírito Santo ([Ibid.](#)).

No verão de 1851, em East Bethel, Vermont, ocorreu outra manifestação marcante do dom de línguas. Durante uma cerimônia de ordenação conduzida pelo irmão Holt, o Espírito Santo desceu sobre os presentes, testemunhado por meio do dom de línguas e de profundas manifestações da presença divina. A irmã F. M. Shimper ([Review and Herald, 1851, tradução nossa](#)) descreveu a atmosfera como “solene, contudo

gloriosa”, destacando que a igreja sentiu como se nunca tivesse experimentado tal proximidade com a presença de Deus. Essa ocasião foi lembrada como um poderoso momento de consagração e unidade na obra do Senhor (*Ibid.*).

Ellen White, ao longo de sua vida, manteve uma postura equilibrada em relação às manifestações de glossolalia. Embora não existam registros de que ela tenha falado em línguas, White reconhecia a possibilidade de manifestações genuínas, mas advertia contra excessos e falsificações ([WHITE, 1974](#)). Em relação a um grupo em Portland, Maine, que se entregava a uma suposta glossolalia, ela fez uma interessante descrição:

Algumas dessas pessoas têm formas de culto a que chamam dons, e dizem que o Senhor os pôs na igreja. Têm uma algaravia sem sentido a que chamam língua desconhecida, desconhecida não só ao homem, mas ao Senhor e a todo o Céu. Tais dons são manufaturados por homens e mulheres ajudados pelo grande enganador. O fanatismo, a exaltação, o falso falar línguas e os cultos ruidosos, têm sido considerados dons postos na igreja por Deus. Alguns têm sido iludidos a esse respeito. Os frutos de tudo isto não têm sido bons. “Pelos seus frutos os conhecereis.” Mateus 7:20. O fanatismo e o ruído têm sido considerados indícios especiais de fé ([WHITE, 2004, p. 161](#)).

Ela alertava que impressões e sentimentos não eram provas suficientes de direção divina, apontando o perigo de enganos satânicos. Assim, mediante conhecimento das manifestações do Espírito Santo no Movimento Millerita, será abordado como elas são percebidas na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tal análise perpassa conteúdos oficiais da igreja, posicionamento de grandes líderes, estudos e o movimento em si, buscando assim tratar como foram desenvolvidos esses aspectos observados nos primórdios da igreja.

## 6. Sobre os Dons Espirituais

Os dons espirituais são bíblicos e têm sua importância destacada em diferentes trechos. Sendo assim, a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) também toma posicionamento sobre tal tópico. Ao tratar desse assunto é dito que:

Deus concede a todos os membros de sua igreja, em todas as épocas, dons espirituais que cada membro deve empregar em amoroso ministério para o bem

comum da igreja e da humanidade. Sendo outorgados pela atuação do Espírito Santo, o qual distribui a cada membro como lhe apraz, os dons proveem todas as aptidões e ministérios de que a igreja necessita para cumprir suas funções divinamente ordenadas ([Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2024, p. 267](#)).

Em vista disso, a IASD entende que os dons espirituais não cessaram com a Igreja Apostólica, mas continuam sendo concedidos pelo Espírito Santo ainda hoje. Sendo esse entendimento apresentado no [Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia \(2011\)](#) como sendo fundamentado em três trechos bíblicos principais: 1 Coríntios 1:6,7; 1 Coríntios 13:9,10 e Efésios 4:13 (BÍBLIA SAGRADA: versão Almeida Revista e Atualizada, 2011). Utilizando esses textos como base, desenvolve-se a argumentação de que os dons espirituais estariam em atuação até o segundo advento de Cristo; além de os dons desempenharem auxílio no conhecimento da igreja, já que o conhecimento perfeito só será estabelecido pelo retorno de Jesus; e por fim, é dito que os dons seriam dados à igreja até que fosse alcançada unidade e pleno conhecimento, sendo também só alcançado mediante a glorificação promovida por Jesus Cristo em seu retorno. Dessa forma, os dons têm diferenças entre si, visando atender diferentes necessidades da igreja, contudo eles possuem um mesmo conjunto de propósitos específicos: harmonia interna da igreja, a glorificação de Deus e o crescimento da igreja ([Associação Ministerial Da Associação Geral Dos Adventistas Do Sétimo Dia, 2018](#)).

Apesar da aceitação dos dons espirituais, parece existir certa distinção da concepção adventista para outras denominações; sendo o ponto de inflexão especialmente o tocante ao nível de carismatismo existente, sua centralidade no ritual litúrgico, bem como as formas de manifestações desses dons.

## 7. Visão Neopentecostal x Adventista

Dentre as diferentes manifestações carismáticas possíveis de serem vistas com razoável facilidade, em diversas denominações neopentecostais destaca-se o dom de línguas como um dos mais contraditórios. A contradição referente a esse dom específico está relacionada a alguns fatores, especialmente à forma extática como geralmente se apresenta e ao que é falado, sendo o segundo aspecto de grande discussão por conta de os relatos bíblicos relacionados a esse fenômeno apresentarem possíveis interpretações divergentes entre si.

Nas correntes carismáticas modernas, o ato de falar em línguas citado na Bíblia, especialmente em 1 Coríntios 12 a 14, refere-se a línguas estranhas, desconhecidas ao homem, não sendo uma língua falada em um país ou cultura diferente, mas sim uma língua conhecida apenas por Deus e talvez por anjos. Além de o falante estar pronunciando sons indistinguíveis por qualquer dicionário humano, também haveria um componente extático, que pode ser acompanhado por quedas, movimentos involuntários, entre outras demonstrações físicas de falta de controle sobre si mesmo. Sendo assim, entende-se que a visão neopentecostal, e carismática em geral, entende o dom de línguas como manifestações extáticas de línguas não humanas.

Já a visão adventista percebe o dom de línguas à luz de Atos capítulo 2 (*Ibid.*), em que são apresentados fortes indícios de que, por ocasião do Pentecostes, os discípulos ali reunidos passaram a falar línguas estrangeiras, não desconhecidas à humanidade; mas línguas de outras culturas que eles não haviam estudado anteriormente, sendo uma manifestação miraculosa. Nesse sentido, [Ekkehardt Mueller \(Adventist Biblical Research Institute, 2010\)](#) destaca tópicos argumentativos, visando mostrar o dom de línguas citados em 1 Coríntios como sendo do mesmo tipo relatado em Atos. Para isso são destacados quatro aspectos que conectam ambos os textos, bem como apresentam-se seis argumentos embasados no relato bíblico que logicamente levariam ao entendimento defendido por ele.

Em função da interpretação adventista, acabou por ser estabelecido um parâmetro para avaliação das manifestações dos dons espirituais, de forma que o que não se enquadra, se trata de uma contrafação do dom genuíno. Mediante essa lógica, a Igreja Adventista adotou o posicionamento de conscientizar os membros acerca dessa questão, de forma que diversos artigos foram publicados nesse sentido, como por exemplo na Revista Adventista: Arnaldo B. Christianini, “O Engano das Línguas Estranhas”, (mai. 1964); “À Margem da Glossolalia” (jun. 1978), Revista Adventista; e E. Hasse, “As Chamadas Línguas Estranhas”, Revista Adventista (out – dez 1952, jan. e mar. 1953).

Além de artigos do século XX e XXI, também se destacam citações de Ellen White, que esteve presente em três manifestações de pessoas falando em línguas em meio adventista. Tratando acerca desse fenômeno, diz que:

Algumas dessas pessoas têm formas de culto a que chamam dons, e dizem que o Senhor os pôs na igreja. Têm uma algaravia sem sentido a que chamam

língua desconhecida, desconhecida não só ao homem, mas ao Senhor e a todo o Céu. Tais dons são manufaturados por homens e mulheres ajudados pelo grande enganador. O fanatismo, a exaltação, o falso falar línguas e os cultos ruidosos têm sido considerados dons postos na igreja por Deus. Alguns têm sido iludidos a esse respeito ([WHITE, 2004, p. 161](#)).

Com base nesses e diversos argumentos, a Igreja Adventista lida com certa cautela em relação ao dom de línguas, utilizando os parâmetros bíblicos como baliza para qualquer tipo de possibilidade de dom. Com isso, ocorre significativo afastamento das práticas mais correntes em movimentos evangélicos carismáticos modernos, ocasionando diferentes reações na comunidade.

## 8. Identidade Adventista

Desde os primórdios da Igreja Adventista do Sétimo Dia, alguns aspectos tornaram-se especialmente marcantes no concernente à sua identidade, destacando especialmente a base bíblica para tudo o que fosse implementado, bem como a centralidade de um culto racional e centrado. Entretanto, como observado por [Follis e Malheiros \(2022\)](#), os adventistas por vezes eram confundidos com denominações pentecostais. Tais ocorrências contribuíram para que fossem delineados parâmetros relativamente marcantes que distinguíssem ambos os grupos. Isso se dava especialmente pelo caráter emocionalista dos pentecostais, além da centralidade dos dons espirituais, especialmente o dom de línguas.

É notório que, com o passar do tempo, não apenas indivíduos, mas também instituições, passam por adaptações, inovações e mudanças, quer sejam grandiosas ou simples. Tal fenômeno também pode ser visto no Movimento Adventista, que, estando imerso em diferentes culturas, acaba por se manifestar de formas ligeira ou significativamente diferentes em locais e épocas distintas. Contudo, apesar de ocorrerem determinadas diversificações, a base da doutrina e determinados tópicos especialmente característicos e considerados fundamentais são rígidos e de pouca volatilidade.

Em vista disso, é notória a seriedade com a qual é tratado o assunto do carismatismo, em que uma postura conservadora é comumente aderida e todos os aspectos, desde adoração a manifestações extáticas, são balizadas pelos relatos bíblicos. Dessa forma, torna-se interessante analisar as influências carismáticas que o adventismo pode ter sofrido ao longo de sua história e como são entendidas.

Tratando acerca das mudanças que ocorrem, [Alberto R. Timm \(2009\)](#) entende que, com alguma frequência, as denominações cristãs acabam cedendo ensinamentos bíblicos e assimilando ideias, até mesmo antibíblicas, provenientes da cultura secular. Como movimento cristão também existente dentro de um contexto cultural, o adventismo não fica isento dessa prática, de forma que Fernando Canale entende que:

O adventismo se seculariza ao adaptar seu pensamento e conduta aos padrões do mundo, um mundo que está mais distante do Deus da Bíblia que o mundo do século XIX o estava dos pioneiros adventistas ([CANALE, 2013, tradução nossa](#)).

Nesse sentido, observa-se que está sendo identificado um fenômeno de inclusão de elementos que até então não faziam parte da cultura adventista. Esse ponto deve ser considerado válido, de forma de que aspectos seculares são incorporados na prática adventista.

Nesse interim de mudanças e aceitação de novas influências, segundo [Douglas Reis \(2016\)](#), entraria fortemente a carismatização, pois seria identificada uma oportunidade de angariar membros sem uma denominação, em sua maioria jovens. Isso seria feito por meio de músicas, pregações e cultos em geral com maior grau de experiencialismo do que vinha sendo ofertado até o momento.

Em suma, ao abordar a perspectiva adventista, notam-se evoluções, sendo necessárias de acordo com a mudança de eras. Entretanto, um ponto importante destacado é acerca da essência adventista, especialmente o concernente ao culto racional e bíblicamente embasado, bem como uma fé essencialmente baseada na Bíblia e em suas doutrinas, não em sentimentos e emoções.

[Isaac Malheiros e Rodrigo Follis \(2022\)](#) trazem em seu artigo uma visão de que inicialmente o adventismo era permeado de fatores emocionais, contudo tal atitude passou a não ser mais tão bem-vista. Dessa forma, já no meio do século XX a identidade adventista vigorava com ares do protestantismo conservador em voga, sendo dessa maneira semelhante aos demais movimentos protestantes.

Por fim, pode-se observar que a IASD, apesar de não adotar postura sectária ou exclusivista, ao longo de sua história por vezes teceu fortes críticas ao pentecostalismo, especialmente no concernente à liturgia e música. Dessa forma, a identidade adventista,

mesmo originalmente tendo certa familiaridade com o que hoje é entendido como carismatismo, ao longo do tempo foi perdendo esses traços e adotando uma postura mais similar ao protestantismo conservador. Essa identidade foi majoritariamente aderida, mesmo, como será abordado posteriormente, o adventismo tendo mais familiaridades teológicas com o pentecostalismo do que com os reformados conservadores.

## 9. Postura Adventista

Ao longo da história adventista, a relação entre experiências e doutrinas e racionalidade e experimentação sempre foi relativamente complexa, pendendo para cada um dos opostos em períodos diferentes. Portanto, o dilema presenciado mais recentemente está longe de ser algo novo.

Ao remeter para o início do Movimento Adventista, [James Wilson \(1995\)](#) relata que em determinado momento o adventismo foi permeado de alguns fatores carismáticos. Contudo, diversos fatores teriam levado a um declínio nesses aspectos, destacando principalmente: o medo de fanatismo, um baixo grau de espiritualidade dos membros, novos membros vindos de igrejas mais conservadoras e um enfoque maior na razão e em aspectos doutrinários.

Ao observar as reflexões acerca de mais ou menos aspectos carismáticos na Igreja Adventista do Sétimo Dia, diversos posicionamentos podem ser identificados, tanto no sentido de um despertar carismático quanto para uma diminuição desse fenômeno. Falando acerca de música, mas de uma forma que abrange o sentimentalismo em geral, Ellen White diz:

Sua religião parece ser mais da natureza de um estimulante do que uma permanente fé em Cristo. Os verdadeiros ministros conhecem o valor da obra interior do Espírito Santo sobre o coração humano. Satisfazem-se com a simplicidade nos serviços religiosos ([WHITE, 1997, p. 502](#)).

Nessa perspectiva, pode-se entender que há uma repreensão ao excesso de sentimentalismo e um chamado à simplicidade. Entretanto, essa orientação não é um



direcionamento para proceder exclusivamente na negação de qualquer aspecto carismático, já que Ellen White também diz:

Experiência é conhecimento derivado de experimentação. Experimentar a religião é o que é necessário agora. “Provai e vede que o Senhor é bom.” Salmos 34:8. Alguns — sim, grande número — têm conhecimento teórico da verdade religiosa, mas jamais sentiram o poder renovador da graça divina no próprio coração. Essas pessoas são sempre tardias para ouvir os testemunhos de advertência, reprovação e instruções dadas pelo Espírito Santo. Creem na ira de Deus, mas não fazem sérios esforços para evitá-la. Creem no Céu, mas não fazem sacrifício para alcançá-lo. Creem eles no valor da salvação, e que dentro em breve a redenção cessará para sempre. Todavia, negligenciam as mais preciosas oportunidades de fazer a paz com Deus ([WHITE, 2004, p. 221](#)).

Em vista dessas citações fica clara a dificuldade de equilíbrio entre o carismatismo e a racionalidade, de forma que o culto seja racional e a igreja siga os parâmetros bíblicos referentes tanto ao proceder em relação aos dons, muitas vezes entendidos de forma bem diferente pelos neocarismáticos, quanto para com a ação do Espírito Santo na igreja e no indivíduo.

## 10. Chamado Evangelístico

A principal expressão carismática na atualidade se dá em denominações pentecostais, que parecem estar passando por um processo de crescimento significativo. Tratando sobre esse tema, [Allan Anderson \(2007\)](#) aborda uma pesquisa realizada pelo *International Bulletin of Missionary Research*, em que aponta uma projeção de quase 800 milhões de membros alocados em denominações pentecostais, carismáticas e neocarismáticas.

Em vista disso, entende-se que o público com interesse em práticas carismáticas não apenas é significativo, mas também que tais denominações tem angariado mais adeptos e crescido de forma chamativa. Em face dessa nova realidade, [Jon Dybdahl \(2021\)](#) avalia o posicionamento adventista para com esse florescente grupo, sendo nesse sentido identificado que os adventistas nutririam alguma discordância do neocarismatismo. Tal posicionamento se daria principalmente por conta de divergência de entendimento em relação aos dons, pensando ser algo relacionado ao espiritismo e deturpação da pura doutrina ou então por se incomodarem com a ação direta do Espírito.

Por conta dessa posição, [Dybdahl \(Ibid.\)](#) enumera argumentos que buscam motivar uma aproximação entre o movimento adventista e carismático, consistido em seis aspectos. São eles: a não centralidade da glossolalia no carismatismo, mas sim a atuação do Espírito Santo; a proximidade teológica entre ambos; a necessidade de equilíbrio que o adventismo precisa quanto à emoção em seus cultos; a possível limitação à ação do Espírito Santo que os adventistas tem imposto ao recusar os dons tipicamente carismáticos; considerando o crescimento desse movimento, parar com a concepção de que os dons manifestados pelos neocarismáticos não provêm de Deus proporcionaria benefícios; e, por fim, a valorização de experiências reais vividas com o Espírito Santo auxiliaria na conversão de não cristãos.

Em suma, entende-se que o campo carismático é farto e tem grande potencial de conversão para o adventismo. Entretanto, para que seja possível tal aproximação, faz-se necessário ajuste de alguns pontos, sem ignorar excessos carismáticos em denominações pentecostais, mas também sem haver uma negligência à atuação do Espírito Santo e às experiências com Deus, como Ellen White citou anteriormente.

## 11. Conclusão

Considerando os diferentes acontecimentos e pontos de vista abordados durante toda essa pesquisa, destaca-se a evolução e crescimento do Movimento Adventista ao longo de mais de um século, sendo um grande período repleto de mudanças sociais, culturais e religiosas. Em vista disso, não é razoável esperar que a mesma igreja adventista experimentada pelos pioneiros seja exatamente a que se pode experimentar hoje em dia, sendo então presentes mudanças claras, principalmente no concernente à aspectos não essenciais da crença adventista, mas sim de costumes e práticas ritualísticas.

Nesse sentido, é entendido que a visão sobre os dons espirituais acabou sendo alterada com o tempo, não passando necessariamente por uma mudança institucional, já que oficialmente é aceita a permanência dos dons espirituais desde os primórdios do movimento. Contudo, haveria sim uma alteração de percepção de cunho popular, em um sentido de que os crentes denominados adventistas passaram a olhar de forma reticente para determinadas manifestações dos dons espirituais. Pode-se entender tal fenômeno como fruto de diversos fatores, entretanto a base bíblica sempre foi o fundamento para

todos os entendimentos e esse princípio não foi mudado em nenhum momento. Quer por receio de fanatismo e contrafação ou por costume, as mudanças ocorridas na igreja, principalmente no tocante ao papel do Espírito Santo, foram buscando a proximidade com Deus, o culto racional e a fidelidade aos princípios bíblicos.

Todavia, apesar das intenções santas e claramente boas, destaca-se o questionamento de até que ponto podemos adotar determinados posicionamentos sem impactar a atuação do Espírito em Seu povo e em Sua igreja. Dessa forma, a história fornece um repertório que pode ser usado para despertar o povo adventista para o Espírito Santo, os dons espirituais e o chamado para proclamar as verdades bíblicas que é dado a fim de trabalhar para a breve volta de Jesus.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MUELLER, Ekkehardt. **What are the tongues in 1 Corinthians?** Disponível em: <https://www.adventistbiblicalresearch.org/materials/what-are-the-tongues-in-1-corinthians/> . Acesso em: 14 nov. 2024.

ANDERSON, A. **Spreading Fires: The Globalization of Pentecostalism in the Twentieth Century.** International Bulletin of Missionary Research, v. 31, n. 1, p. 8-14, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/239693930703100102> . Acesso em: 17 out. 2024.

ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA ASSOCIAÇÃO GERAL DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA. **Nisto cremos.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018. p. 269-273.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada.** Tradução: João Ferreira de Almeida. 2. ed. Revista e Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CAMPBELL, Michael W. FOSS, Hazen Little. In: FORTIN, Denis; MOON, Jerry. **Enciclopédia Ellen G. White.** Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018. p. 413

CANALE, F. **¿Adventismo secular? Cómo entender la relación entre estilo de vida y salvación.** Lima: Universidad Adventista Unión, 2013.

CLARK, Randy. **The Essential Guide to the Power of the Holy Spirit: God's Miraculous Gifts at Work Today.** 1. ed. Shippensburg, PA: Destiny Image Publishers, 2015. p. 27.

DEDEREN, Raoul (Ed.). **Tratado de teologia adventista do sétimo dia.** Tradução de José Barbosa da Silva. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

DYBDAHL, J. L. **A Call for Adventists to Reassess the Charismatic Movement.** Journal of Adventist Mission Studies, v. 17, n. 2, p. 14-22, 2021. Disponível em: <https://digitalcommons.andrews.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1495&context=jams> . Acesso em: 17 out. 2024.

FOLLIS, R.; MALHEIROS, I. **Construção de identidade no adventismo brasileiro em sua relação com o pentecostalismo.** REVER - Revista de Estudos da Religião, v. 22, n. 1, p. 77-94, 2 jul. 2022.

KELLOGG, Leander. **Extracts of Letters,** The Advent Review e Sabbath Herald, v. 2, p. 16, 19 ago. 1851.

LOUGHBOROUGH, John N. **O Grande Movimento Adventista.** 3. ed. Jasper, OR: Adventist Pioneer Library, 2014.

NUMBERS, Ronald L. **Prophetess of Health: A Study of Ellen G. White.** Harper & Row. 1976.

PRESENT TRUTH. Dezembro de 1849.

REIS, D. **A crise identitária e a carismatização do adventismo**. Kerygma, Engenheiro Coelho (SP), v. 10, n. 1, p. 11–30, 2016. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/666> . Acesso em: 17 out. 2024.

RHODES, S. W. **Carta para irmão White**. (Citado em: *Present Truth*, nov. 1850, p. 84).

REVIEW AND HERALD. 19 de agosto de 1851.

TIMM, A. R. **Scripture and Experience**. Biblical Research Institute, abr. 2009. Disponível em: <https://www.adventistbiblicalresearch.org/materials/scripture-and-experience/> . Acesso em: 17 out. 2024.

WHITE, Anna. **Carta para Brother e Sister Tenney**, 6 mar. 1853. Apud NUMBERS, Ronald L. *Prophets of Health: A Study of Ellen G. White*, 1976, p. 33.

WHITE, Arthur L. **Messenger to the Remnant**. 1. ed. Washington, DC: Review and Herald Publishing Association, 1969.

WHITE, Arthur L. **Os Adventistas do Sétimo Dia e as Experiências Carismáticas**. 1. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1974.

WHITE, Ellen G. **Carta para Brother and Sister Howland (Lt 8-1851)**. Waterbury, VT, 12 nov. 1851.

WHITE, Ellen G. **Carta para Joseph Bates (Lt 3-1847)**. Gorham, ME, 13 jul. 1847.

WHITE, Ellen G. **Carta para Leonard W. Hastings e Elvira Hastings (Lt 8-1849)**. Rocky Hill, CT, 29 maio 1849.

WHITE, Ellen G. **Carta 8**, 1851. Disponível em <https://m.egwritings.org/en/book/2926.1> . Acesso em 8 dez. 2024

WHITE, Ellen G. **Evangelismo**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, Ellen G. **Manuscrito 9**, 1888. Morning Talk by Ellen G. White. Minneapolis, MN, 24 out. 1888.

WHITE, Ellen G. **Manuscrito 135**, 1903. Disponível em: <https://m.egwritings.org/en/book/14068.7993001#7993001> . Acesso em: 7 out. 2024.

WHITE, Ellen G. **Spiritual Gifts, vol. 2**. Battle Creek, MI: Seventh-day Adventist Publishing Association, 1860. ISBN 978-1-61253-079-6.

WHITE, Ellen G. **Testemunhos para a Igreja, vol. 1**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1999.

WHITE, Ellen G. **Testemunhos para a Igreja, vol. 5**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

WHITE, Ellen G. **Testemunhos Seletos 1**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

WHITE, Ellen G. **Vida e Ensinos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WILSON, James Michael. **Enthusiasm and Charismatic Manifestations in Sabbatarian Adventism With Applications for the Seventh-day Adventist Church of the Late Twentieth Century**. 1995. Tese (Doutorado em Ministério) – Andrews University. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.32597/dmin/247/> . Acesso em: 7 out. 2024.